

A TRAJETÓRIA DA DIDÁTICA NO BRASIL: ENTRE AVANÇOS E RETROCESSOS

Flávia Aguiar Cabral Furtado Pinto¹
Francinalda Machado Stascxak²
Tereza Cristina Lima Barbosa³
Juliana Silva Santana⁴

RESUMO

O presente artigo propõe-se a empreender uma discussão acerca das vicissitudes pelas quais a Didática no Brasil vem passando, ou seja, seus constantes avanços e retrocessos, que tem influenciado profundamente os rumos da educação. A didática instrumental predominante no Brasil, caracterizada pela compilação de metodologias voltadas a uma aplicação homogênea e descontextualizada foi cedendo espaço para uma didática conectada à realidade social. De início, esse movimento, encabeçado por Candau (1983) e denominado por Pimenta (2018) como “primeira onda crítica”, gerou o quase desaparecimento da didática como disciplina. Em seguida, no entanto, houve um processo de reestruturação que a considerou essencial para a atividade docente denominado de “segunda onda crítica”. A “terceira onda crítica”, por sua vez, pretendeu indagar em que medida os resultados das pesquisas sobre didática suscitaram novas reflexões e práticas superadoras de desigualdades. Nessa perspectiva, foram criadas a Didática Crítico-Intercultural, a Crítica Dialética Reafirmada, a Desenvolvimental, a Sensível e a Multidimensional. Metodologicamente, o estudo se assenta na abordagem qualitativa, inspirando-se na Pesquisa Bibliográfica para articular discussões sobre os avanços e retrocessos da Didática. Os referenciais teóricos foram Saviani (2013); Candau (1983, 2002, 2011, 2012); Pimenta (2018) dentre outros. A pesquisa teve como objetivo analisar a trajetória da didática no Brasil. Como resultado destaca-se que, apesar de avanços e retrocessos, a didática permanece viva e em constante transformação, fruto de pesquisas que apontam caminhos e possibilidades para a formação de professores, para as práticas pedagógicas, para a criação de políticas educacionais e visando a superação das desigualdades.

Palavras-chave: Didática, Trajetória, Avanços, Retrocessos.

INTRODUÇÃO

A didática vem passando por constantes evoluções e ressignificações ao longo do tempo. Inicialmente possuía um caráter instrumental, sendo moldada primordialmente para atender aos interesses políticos e ideológicos do Estado que serviam de alicerce à manutenção suas estruturas de poder (SAVIANI, 2013). Reduzida à aplicação de métodos de ensino, que deveriam ser aplicados a todos e em qualquer contexto, a didática, como disciplina, experimentou um período de desvalorização em razão das transformações da sociedade, que passaram a exigir das relações de ensino e aprendizagem formas de aproximação com a

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará – UECE – flavia.aguiar.cabral@gmail.com

² Especialista em Formação de Formadores e os processos de coordenação pedagógica da educação básica e do ensino superior pela Universidade Estadual do Ceará – UECE – naldastascxak@gmail.com

³ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, terezarrafael@gmail.com

⁴ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará- UFC, juliana.santana@uece.br

realidade. A didática como disciplina, portanto, passou a ser vista como dispensável. (PIMENTA, 2018).

Como reação, autores como Candau (1983) defenderam a transição da Didática Instrumental para a Didática Fundamental, contextualizada e comprometida com as transformações sociais e educacionais. Em um primeiro momento, no entanto, houve o quase desaparecimento da didática como disciplina, uma vez que foi paulatinamente sendo substituída pela filosofia, a sociologia e a história da educação. Trata-se do que Pimenta (2018) chamou de “primeira onda crítica”.

Em seguida, a didática assumiu um processo de reestruturação, sendo considerada como um campo de conhecimento essencial para atividade docente. O compromisso com os resultados do ensino e o protagonismo docente, considerado o contexto, as contradições da escola e da sociedade passaram a ser valorizados em um movimento que Pimenta (2018) denominou de “segunda onda crítica”.

A “terceira onda crítica”, por sua vez, parte de indagações a respeito dos resultados das pesquisas desenvolvidas no âmbito da didática crítica. Nesse sentido, Pimenta (2018) lança os seguintes questionamentos: “Em que medida os resultados das pesquisas têm propiciado a construção de novos saberes e engendrado novas práticas que superem as situações de desigualdade social, cultural e humana produzidas na escola?”. “A quem interessa manter essa desigualdade?”.

Com o intuito de refletir sobre essas questões surgiram teorias como a da Didática Crítico-Intercultural, da Didática Crítica Dialética Reafirmada, da Didática Desenvolvimental, da Didática Sensível e Didática Multidimensional.

Diante do exposto, a pesquisa teve como objetivo analisar a trajetória da didática no Brasil. Trata-se de temática relevante, visto que a didática permanece em evolução, apontando caminhos para a superação das desigualdades educacionais através de novas práticas pedagógicas, da formação dos professores e da criação de políticas educacionais.

Metodologicamente a pesquisa assentou-se na abordagem qualitativa, inspirando-se na Pesquisa Bibliográfica para articular discussões a acerca das vicissitudes pelas quais a Didática no Brasil vem passando, ou seja, seus constantes avanços e retrocessos.

Os resultados mostram que a didática permanece viva e em constante transformação, fruto de pesquisas que apontam caminhos e possibilidades para a formação de professores, para as práticas pedagógicas, para a criação de políticas educacionais e visando a superação das desigualdades.

METODOLOGIA

Este trabalho caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa por estar imersa em possibilidades de se pesquisar as práticas sociais humanas ao longo do tempo, práticas estas compostas de “múltiplas significações, de representações que carregam o sentido da intencionalidade” (Ghedin e Franco, 2011, p. 63), pois este é um estudo que visa percorrer a trajetória histórica da didática a fim de compreendê-la enquanto fenômeno de ensinar e aprender.

Em complementação a isso, a pesquisa bibliográfica mostra-se como uma possibilidade de aproximação dos fatos quando se tem um vasto contexto a examinar. Conforme (Gil, 2008, p. 50), um estudo bibliográfico oferece “a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”, e afirma ainda que “a pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos”. O que conforme o autor, de uma forma ou de outra não seria possível uma aproximação como os fatos passados sem se recorrer a este tipo de pesquisa.

A DIDÁTICA NO BRASIL E SUA TRAJETÓRIA: DA DIDÁTICA INSTRUMENTAL À DIDÁTICA CRÍTICA

Dentre as acepções para o termo didática, uma das mais aceitas é a de que trata da arte ou técnica de bem ensinar, de transmitir conhecimento. Para Farias et al (2014, p. 18) a didática é “teoria e prática do ensino, conjugando fins e meios, propósitos e ações, objetivos, conteúdo e formas”. Diante desses pressupostos, há que se dizer que sempre houve uma busca pela maneira correta de ensinar, por uma espécie de fórmula universal que pudesse ser aplicada para ensinar o que quer que fosse a qualquer indivíduo.

As práticas pedagógicas desenvolvidas no Brasil sofreram grande influência de filósofos renomados desde a antiguidade. Por isso, há a necessidade de aproximação do sentido da Didática, por meio da análise dos entendimentos desses filósofos/pedagogos que contribuíram ao longo da sua tessitura.

Sócrates (469 a.C.- 99 a.C.), evidenciava a importância do diálogo como parte importante da relação entre a aprendizagem e o sujeito aprendente, destacando a maiêutica, ou seja, a arte dialogal como uma forma de promover o conhecimento, método em que o

aprendiz é levado a sentir-se ativo a partir da livre expressão das próprias ideias em busca da verdade (FRANCO, 2012).

João Amós Comênio (1592-1670) despertou o pensamento para um método, por assim dizer, utópico em que acreditava ser possível ensinar tudo a todos. Método esse que partia de conceitos mais simples até chegar aos mais complexos. Recomendava o ensino como um processo contínuo, ao longo da vida como forma de permitir o desenvolvimento do pensamento em detrimento da simples memorização. Assim nascia a Didática Magna que continha o Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos. Desta forma, se fundamentou a necessidade de uma organização escolar que se respeitasse a vida dos alunos durante o tempo em que estes passassem na escola. Em seu entender, era preciso que o ensino tivesse condições adequadas para haver um bom resultado (PIMENTA e ANASTASIOU, 2002).

Para Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) educação e política caminhavam lado a lado. Esta com vistas a interferir nas ações daquela. Por essa razão, afirmava que a instituição escolar tirava a liberdade da criança, inviabilizando a formação de um novo homem, e, por conseguinte, de uma nova sociedade. Surgiram, com Rousseau, as bases para a criação da “Escola Nova”, movimento desenvolvido no século XX, em que o aprendiz era visto como agente ativo da aprendizagem. Franco (2012, p. 53) ressalta que a essência do trabalho desse filósofo era observar “as necessidades de cada período do desenvolvimento infantil e realçando o respeito ao ritmo de desenvolvimento de cada criança. Propõe uma educação natural, longe das influências corruptoras da sociedade”. Considerava, portanto, a criança como um ser singular com suas características próprias, não como um adulto em miniatura, devendo ser tratado e conduzido nos estudos de acordo com as suas particularidades e estágio cognitivo.

Johann Pestalozzi (1746-1827) compreendia a educação como parte da constituição do homem enquanto ser dotado de individualidade, baseada na formação completa da criança, que interligasse o coração, a cabeça e a mão e, por assim dizer, a educação sistemática na instituição escolar deveria ser a complementação da educação recebida em casa, de modo que fosse uma preparação para a vida (SOËTARD, 2010).

Há que se mencionar ainda acerca das contribuições de Johann Friedrich Herbart (1776-1841) para o campo da Didática ao apontar a existência de três fases bem estabelecidas: o de clareza da apresentação dos elementos sensíveis de cada assunto; o de associação; o de sistematização e, por fim, o de aplicação - para se chegar a instrução educativa que tinha a experiência do aluno como função central e o interesse do aluno, traço de sua atividade mental própria, não apenas como fim, mas como o meio mais importante da instrução

educativa Herbart também trouxe o conceito de “interesse” que tornou-se, desde então, fundamental para os estudos da didática como elemento dinâmico e funcional de ligação entre o plano intelectual e o da vontade (HILGENHEGER, 2010).

Para o filósofo norte-americano John Dewey (1859-1952), “o conhecimento é uma atividade dirigida que não tem um fim em si mesmo, mas está voltado para a experiência” (Aranha, 1996, p. 171). Dewey considerava o conhecimento como parte importante do processo de desenvolvimento, como forma, senão a única, de o indivíduo se inserir na sociedade (IBIDEM).

No Brasil, Anísio Teixeira (1900-1971), educador de fundamental relevância nas décadas de 1920 e 1930, foi fortemente influenciado pelas concepções de John Dewey, buscando difundi-las nas escolas brasileiras (FRANCO, 2012). Consagrou-se como um dos grandes expoentes do movimento da Escola Nova, que teve como princípio a renovação do ensino tradicional, trazendo o educando para o centro da ação pedagógica e destacou-se na busca pela escola pública, laica, obrigatória e gratuita (ROMANELLI, 2014).

A primeira onda crítica da didática, no entanto, conforme aponta Pimenta (2018), somente teve início na década de 80, mais precisamente quando Candau (1983) propôs, pela primeira vez, a passagem da Didática Instrumental para a Didática Fundamental, vinculada às relações e contradições na educação e na sociedade. Posteriormente, continuou a defender uma revisão crítica da didática, rumo a concretização de práticas pedagógicas articuladas com a transformação social. Em suas palavras:

A Didática passa por um momento de revisão crítica. Tem-se a consciência da necessidade de superar uma visão meramente instrumental e pretensamente neutra do seu cotidiano. Trata-se de um momento de perplexidade, de denúncia e anúncio, de busca de caminhos que têm de ser construídos através do trabalho conjunto dos profissionais da área com professores de 1o e 2o graus. E pensando a prática pedagógica concreta, articulada com a perspectiva de transformação social, que emergirá uma nova configuração para a Didática (CANDAU, 2002, p. 14).

Importante ressaltar, no entanto, que a crítica à Didática Instrumental aliada a essa nova perspectiva de educação como forma de transformação social foi responsável, em um primeiro momento, por esvaziar a didática como disciplina, uma vez que se passou a defender sua substituição por outras, tais como: o currículo, a história e a filosofia da educação.

A segunda onda crítica diz respeito ao quase desaparecimento da didática como disciplina e sua ressignificação. Durante essa fase, houve o compromisso com os resultados do ensino, por meio de uma educação inclusiva e emancipatória, considerado o contexto e as interfaces e contradições entre escola e sociedade. A didática, portanto, passou a ser entendida

como um campo de conhecimento essencial para a atividade docente. O conteúdo didático passou a ser considerado para além dos métodos e técnicas e a prática social passou a ser valorizada enquanto pressuposto e finalidade da educação, mediante o tratamento não fragmentado entre a teoria e a prática pedagógica.

Durante esse período observou-se o aumento do protagonismo docente, passando a formação de professores a ocupar o centro dos estudos e das políticas educacionais, devendo o professor assumir a postura de profissional crítico e reflexivo, pesquisador da própria prática, o que também contribuiu para a formação de sujeitos capazes de se inserirem criticamente na sociedade e transformar as condições que geram a desumanização.

Os anos 2000 caracterizaram-se pelo retorno de uma visão tecnicista e produtivista da educação inspirada em políticas neoliberais. Passaram a ser discutidas questões como: avaliações em larga escala, violência no ambiente escolar, impacto das novas tecnologias e disputas em torno de distintas concepções de currículo.

A terceira onda crítica, conforme aponta Pimenta (2018), surgiu com o intuito de analisar o resultado prático das pesquisas educacionais para a superação das desigualdades sociais, culturais e humanas no ambiente escolar, o que deu origem à Didática Crítico-intercultural, Didática Crítica Dialética Reafirmada, Didática Desenvolvimental, Didática Sensível, Didática Multidimensional.

A Didática Crítico-intercultural, preconizada por Candau (2012), defende que a pós-modernidade apresenta questões importantes para repensar a pedagogia e a didática tais como: “subjetividade, diferença, construção de identidades, diversidade cultural, etc.

A Didática Crítica Dialética Reafirmada, conforme Pimenta (2018) advém da necessidade de conhecer e apreender as bases materiais e históricas das mudanças nas ideias pedagógicas, as quais decorrem das relações de trabalho, não ficando restritas ao campo das ideias. O critério de verdade da perspectiva dialética é a práxis (relação horizontal entre teoria e prática), razão pela qual não é possível falar em certezas absolutas, mas apenas aproximações da realidade.

A Didática Desenvolvimental, conforme destaca Libâneo (2018), tem como objetivo “o estudo dos princípios mais gerais de organização adequada da atividade de ensino ou instrução, tendo as leis do desenvolvimento mental da criança, as particularidades das idades e as características individuais da aprendizagem como condição desse processo”.

A Didática Sensível defendida por D’Ávila (2018) rompe com o paradigma racionalista-instrumental e coordena uma ação didática que transcende a razão e concentra-se também em um sentir-pensar que medeia práticas educativas que aguçam a estética e o lúdico.

Essa teoria defende que as relações entre professores e alunos são mediadas também por sentimentos e emoções, uma vez que não há razão sem sensibilidade. Por meio desse tipo de didática, portanto, o ensino une os aspectos intelectuais, emocionais e intuitivos, o que garante uma aprendizagem mais efetiva.

Conforme a Didática Multidimensional, preconizada por Franco e Pimenta (2018), os saberes ensinados são reconstruídos pelos educadores e educandos, o que os torna cidadãos autônomos, críticos e emancipados. Em suas palavras a Didática Multidimensional está “articulada a contextos nos quais os processos de ensinar e aprender ocorre. Que se pautem numa pedagogia do sujeito, do diálogo, cuja aprendizagem seja mediação entre educadores e educandos”. Trata-se de uma didática que tem como suporte a teoria pedagógica que parte da práxis educativa e a ela retorna.

Observa-se, portanto, que a trajetória da Didática no Brasil rumo a uma concepção crítica busca atender às necessidades educacionais de cada época e contexto social. Após muitos anos de domínio do tecnicismo e da Didática Instrumental, e diante das desigualdades advindas das mudanças sociais e econômicas que vêm ocorrendo no contexto do capitalismo contemporâneo, há a necessidade de romper com o caráter meramente prescritivo da Didática abrindo espaço para novas formas de ensinar e aprender, capazes de formar cidadãos críticos e capazes de transformar a sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo teve como escopo analisar a trajetória da didática no Brasil. Observou-se ao longo do estudo, que o ensino é processual e contínuo e que a práxis é capaz de ampliar a compreensão de como esse fenômeno acontece dentro da sala de aula. A partir de tais perspectivas, observa-se que a prática docente é uma atividade que exige, não apenas uma linha de raciocínio a ser seguida, mas também a partilha de saberes, de experiências e de conhecimentos.

O ensino, portanto, caracteriza-se como uma prática complexa que se concretiza essencialmente a partir das interações entre os indivíduos, as quais se modificam conforme o contexto social em que estão inseridos. O inacabamento e a incompletude, próprios do desenvolvimento humano refletem-se nas formas de fazer e compreender o processo educativo, que precisa encontrar meios de desenvolver o raciocínio crítico dos discentes com o intuito de formar cidadãos reflexivos e capazes de agir para transformar a realidade social. Nesse sentido, a didática pode desempenhar um papel essencial como cerne do trabalho

docente, uma vez que ensinar não se resume em transferir conhecimentos, o professor deve agir como um mediador, estimulando a autonomia e criando possibilidades de construção pelos próprios educandos.

O início do percurso da Didática no Brasil foi marcado pela influência de filósofos estrangeiros, responsáveis por sistematizar o conhecimento sobre o assunto no mundo, desde o advento da Didática Instrumental, que buscava uma maneira de ensinar tudo a todos, nos moldes do que defendia Comênio, passando por uma Didática renovada, criada a partir do Movimento da Escola Nova, encabeçada por Anísio Teixeira e inspirada nos ensinamentos de Rousseau e Dewey, até culminar no advento das Didáticas Críticas, que surgiram como contribuições genuinamente brasileiras voltadas a enfrentar os problemas sociais, no contexto das escolas nacionais.

Importante destacar que o ensino frequentemente funciona como meio de manipulação e conservação do *status quo*, razão pela qual a intencionalidade docente deve estar voltada à transformação social, por meio de uma educação inclusiva e emancipatória, capaz de romper com paradigmas de modelos excludentes, visando a educação para além do acesso à escola, percebendo e respeitando ritmos diferentes e individualizados de aprendizagens. Os verdadeiros motivos da crise na educação são reflexos das diferenças socioeconômicas entre os alunos, das condições de trabalho e salário dos professores, das pressões a que estão submetidos em razão do sistema de avaliações externas, do estímulo à competição entre discentes, escolas e professores, de forma meritocrática, dentre outros obstáculos que precisam ser paulatinamente superados.

Adequando-se a essa realidade surgiram as primeiras reações à visão instrumental e tecnicista da educação, por meio de processos de ensino e aprendizagem contextualizados. Importa destacar, no entanto, que essa nova concepção da didática não se limitou à criação das denominadas “ondas críticas”, permanecendo em constante evolução, fruto de uma diversidade de pesquisas que apontam caminhos e possibilidades para a formação de professores, para as práticas pedagógicas, para a criação de políticas educacionais, bem como para a superação das desigualdades.

No entanto, conforme destaca Pimenta (2018), setores privatistas insistem em considerá-la inútil, principalmente enquanto disciplina nos cursos de formação de professores, argumentando que a didática não chega às instituições de ensino e não contribui para melhorar seus índices, razão pela qual deveria desaparecer ou voltar a ser um conjunto de técnicas, tal como ocorria de 1960 a 1970. Alegam, ainda, que a culpa pelo fracasso das aprendizagens dos alunos é dos professores que não sabem aplicar adequadamente as técnicas.

Tratam-se, no entanto, de estudos parciais e que não levam em consideração a historicidade e o contexto socioeconômico em que esses professores e alunos estão inseridos. Em nenhum momento questionam-se acerca da formação desses docentes, das efetivas condições de trabalho e da remuneração, por exemplo. O fracasso nas aprendizagens deve ser compartilhado entre alunos, escola, família e sociedade, não podendo ser atribuído apenas ao professor. O contexto em que o processo de ensino se desenvolve tem íntima relação com a aprendizagem.

A didática capaz de formar cidadãos críticos e conscientes de seu papel transformador na sociedade somente tem condições de ser efetivamente implementada se os professores forem valorizados, por meio de salários dignos, e a educação receber a merecida atenção do Estado, através da destinação de verbas condizentes com as necessidades das instituições de ensino.

Importante destacar, dessa forma, que apesar de avanços e retrocessos, a didática permanece viva e em constante transformação fruto de pesquisas que apontam caminhos e possibilidades para a formação de professores, para as práticas pedagógicas, para a criação de políticas educacionais e visando a superação das desigualdades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A didática está em constante transformação, a partir dos sentidos e significados que lhe são atribuídos em diferentes momentos históricos, uma vez que suas características vêm sendo tecidas, conforme os interesses e as lutas inerentes ao contexto educacional brasileiro.

Nessa perspectiva, a Didática Instrumental, fortemente tecnicista e voltada ao fortalecimento do *status quo*, deu origem a novas perspectivas de Didática, em razão da necessidade de mudanças na área da Educação, uma vez que a relação entre aluno e professor concebida de forma verticalizada, com o docente no centro do processo de ensino e aprendizagem não se mostrou capaz de formar sujeitos reflexivos, críticos e aptos a transformar a realidade.

Importante ressaltar, no entanto, conforme salientado anteriormente, que a trajetória da Didática não vem sendo traçada de forma linear, visto que está extremamente ligada ao contexto histórico, social e político do país, assumindo em certos momentos o caráter de instrumento de dominação e manutenção das estruturas poder do Estado e em outros a importante função de instrumento de ruptura, que busca desconstruir antigos paradigmas.

A relevância do presente estudo, portanto, consistiu na ampliação do leque de conhecimentos acerca do assunto e na constatação de que a didática passa por constantes avanços e retrocessos, fato que sempre redundará em novas pesquisas que apontem para variadas perspectivas, pois a multiplicidade das relações humanas está presente em todos os momentos educativos, perfazendo e influenciando o processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. – ver. e atual. – São Paulo: Moderna, 1996.

_____. **Didática Crítica Intercultural: aproximações**. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. (org.). Apresentação. In: CANDAU, V. M. (org.) **A Didática em questão**. 33. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012a. p. 09-10.

_____. Da Didática fundamental ao fundamental da Didática. In: ANDRÉ, E. D. A. M.; OLIVEIRA, M. R. N. S. (org.) **Alternativas no ensino de Didática**. 12. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

_____. (org.). **Rumo a uma nova didática**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. (org.). **A didática em questão**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

D'ÁVILA, Cristina. **Razão e Sensibilidade na docência universitária**. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2969/2683>> Acesso em ago. de 2018.

FARIAS, Isabel Maria Rabino de; SALES, Josete de Oliveira Castelo Branco; BRAGA, Maria Margarete Sampaio de Carvalho; FRANÇA, Maria do Socorro Lima Marques. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. 4. ed. Brasília: Liber Livro, 2014.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. PIMENTA, Selma Garrido. **Didática Multidimensional: por uma sistematização conceitual**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v37n135/1678-4626-es-37-135-00539.pdf>>. Acesso em ago. de 2018.

GHEDIN Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HILGENHEGER, Norbert. **Johann Herbart**. Tradução e organização de José Eustáquio Romão. Recife: Editora Massangana, 2010.

LIBÂNEO, Carlos Alberto. **A didática desenvolvimental e o currículo de formação profissional de professores: a articulação entre o conhecimento pedagógico-didático e o conhecimento disciplinar**. Disponível em

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

<<http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/home/disciplina.asp?key=5146&id=3552>>
Acesso em ago. de 2018.

PIMENTA, Selma Garrido. ANASTASIOU, Léa Graça Camargo. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

_____. **Simpósio sobre Didática na contemporaneidade**: rupturas e perspectivas. XIX Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, 2018.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. 40. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2013.

SOËTARD, Michel. **Johann Pestalozzi**. Tradução de Martha Aparecida Santana Marcondes, Pedro Marcondes, Ciriello Mazzetto. Organização de João Luis Gasparin, Martha Aparecida Santana Marcondes. Recife: Editora Massangana, 2010.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Repensando a didática**. 26. ed. - Campinas, São Paulo: Papyrus, 2008.